

## Da necessidade de estudos de administração

J. PINTO LIMA

*Do Serviço de Documentação do Ministério da Agricultura*

QUANTO mais a vida se complica e novos problemas vão surgindo, a exigir constantes ajustamentos às situações que se criam, mais se evidencia a necessidade de orientar objetivamente a formação do indivíduo, segundo as imposições do seu meio social. Daí as modernas doutrinas educacionais, que já não restringem a Escola à função de ministrar o ensino metódico de umas tantas disciplinas, conservando-se inteiramente alheia à realidade da vida.

É justamente nesta realidade que se inspira a Pedagogia para aconselhar o ensino na base do interesse do educando. Desejamos aprender o que nos seja *útil*, para *aplicar* no que fazemos ou pretendemos realizar. E todos os nossos empreendimentos, sejam particulares ou no domínio do serviço público, requerem conhecimentos de Administração. Dêles não prescindem, para serem acertadas, até mesmo as simples decisões de natureza estritamente pessoal que devemos tomar no dia-a-dia da nossa vida. Em face das situações que se nos deparam, aplicamos normas administrativas, muitas vezes sem perfeita consciência de que o fazemos. É que existe em nós, em estado potencial, a Ciência da Administração — não como ciência, mas de maneira difusa, em vagas idéias, que ditam a nossa conduta diante de um problema, e certos lampejos que inundam de luz as situações mal definidas, indicando-nos o melhor caminho.

Por que não cultivar essa maravilhosa intuição que nos orienta na vida? Por que não se procura arrancá-la da latência sub-consciente, transformando-a num verdadeiro bem consciente, em estado francamente dinâmico?

Todos nós já planejamos algum trabalho, todos tivemos oportunidade de organizar alguma coisa, do mesmo modo que dirigimos, controlamos, coordenamos — baseados em que? Únicamente

em dispersos conhecimentos que, como tantos outros, adquirimos ao acaso da nossa experiência social, sem o deliberado propósito de aprender.

Por que, ao invés, não ministramos essas noções na Escola, sistematizadas num corpô autônomo de conhecimentos e doutrinas, constituindo uma disciplina? Se a Escola deve prover tôdas as condições necessárias à educação, ela não estará completa enquanto deixar a “função administrativa” se desenvolver à margem de suas cogitações e à medida que a experiência da vida vai sedimentando confusas idéias e conceitos pouco nítidos, para formar o que se convencionou chamar de “bom senso”.

O ensino da Administração, como preconizava Henri Fayol, deve fazer parte do currículo escolar, desde noções rudimentares na escola primária, até estudos desenvolvidos na escola superior, com a gradação intermediária para o ensino secundário.

Para documentar essa tese, não buscaremos argumentos nos livros nem nos valeremos de considerações de ordem teórica que, mesmo quando brilhantes, ressentem-se do toque de realidade que só os fatos vividos podem ter. Trazemos, por isso, nossa experiência pessoal. É a de uma formação sem diretrizes administrativas, só conseguidas quando se tornou maduro o nosso espírito.

Tentaremos mostrar a necessidade dos conhecimentos administrativos e os prejuízos que nos causaram os responsáveis pela nossa educação, por não terem revelado à nossa mente a ciência da Administração. Como fatos limitados a êsse tema central, recolhidos aqui e além, ao sabor da memória, na vida de um cidadão comum, êles poderão ser julgados sem interesse. Se os citamos é porque nos parece que assim focalizamos um problema comum a milhões de brasileiros que, como nós, perderam sem o sentir horas e

dias preciosos com coisas totalmente inúteis, em fases da vida nas quais era impossível discernir e escolher rumos.

Qual foi o nosso currículo no curso secundário, há mais de 15 anos? Um roteiro escolástico pelo qual transitamos à margem da vida. A escola não via com bons olhos a iniciativa do educando, ignorava a educação física e tinha uma estranha concepção de "cultura geral", obrigando-nos a aprender os nomes dos satélites de Saturno, de tal maneira que ainda hoje os citamos de cor: Mimos, Thetis, Enceladus, Dione, Rhea, Titan, Imperion e Japeto. E esta é a primeira vez que nos valemos deste conhecimento...

As contingências da vida real, que deveríamos enfrentar, não abalavam aquêles graves senhores a nos ensinar, por exemplo, o que era uma fatura. Preferiam assombrar-nos com as vertiginosas alturas das montanhas de Kenia e KilimaNdjaro, ou fazer-nos bocejar com as futricas da Côte francesa. Em anos seguidos de uma luta épica, Bolívar transforma colônias espanholas em nações vizinhas nossas, e lança as bases do panamericanismo. Nenhuma palavra, porém, sobre isto.

Não se aprendia a observar, a raciocinar, a tirar conclusões dos fatos e a classificar as coisas com método. Todo o processo educativo era obstruído por consideráveis barreiras de conhecimentos inúteis.

Atingimos, porém, a idade em que se começa a ter concepção realista das coisas, graças à qual perdemos o interesse pelas noções abstratas que teimavam em nos ensinar. Passamos a resumir nossas atividades escolares no objetivo único de transpor essas barreiras, mediante esforços que já percebíamos sem outro proveito que o de "passar nos exames". Ficamos, assim, em muitos assuntos, no estágio primário da aprendizagem: a informação, logo esquecida antes de se transformar em verdadeiro conhecimento.

Todos os detalhes que nos davam sobre o curso do Danúbio e as guerras púnicas eram nitidamente sentidos como de utilidade muito problemática, ao passo que ansiávamos por traçar rumos à nossa vida, arquitetando projetos para o futuro. Queríamos adquirir conhecimentos que nos servissem de instrumento para isso — e foi com alegria que recebemos a notícia de poder abreviar o enfadonho curso, por meio de "exames par-

celados", aos quais nos atiramos, sem prever suas danosas conseqüências.

Não nos competia, aliás, fazer tal previsão, e sim às autoridades do ensino, cuja falta de senso administrativo permitiu êsse condenável sistema, que nos facultou terminar um curso de "humanidades", e ingressar depois numa escola superior, sem ter tido qualquer contato com a Filosofia e a Literatura, por exemplo.

A desordem do ensino veio, assim, juntar-se à nossa natural desorientação, dando um resultado que não poderia ser dos mais brilhantes: uma cultura frouxa como base de futuros estudos, que nela se deveriam apoiar firmemente.

A política educacional, sem larga visão das necessidades do educando, sem o cuidado prévio de determinar para o nosso meio o que Bobbitt chamou as "áreas da vida", sem o menor senso de medida dos programas — numa palavra, sem adotar métodos de Administração, desmandava-se em mirabolantes reformas e não conseguia um rumo definido, que constituísse verdadeiro sistema de preparo básico e objetivo para o exercício de qualquer função na sociedade, nem para o livre ingresso na escola superior.

A falta de previsão, que não poderia existir se houvesse Administração de fato, foi a responsável pelo "regime parcelado", ao qual aderimos afoitamente, abandonando o "curso seriado", que — (tarde o descobrimos) com todos os seus defeitos, ainda lhe era superior. Tal regime foi a desordem, de vez que deixava à livre escolha de cada um as matérias a estudar. Cada estudante, numa idade em que era impossível agir com segurança, traçava o seu próprio currículo. Estudávamos atabalhoadamente, em casa ou no colégio, quatro ou cinco matérias por ano, sem levar em conta a relação de umas com as outras, tendo em vista o único objetivo de prestar *exames finais* no Colégio Pedro II.

Tínhamos, assim, em pouco tempo, todos os preparatórios. Mas que abismos na nossa formação cultural! Abismos mal suspeitados aos 15 anos, como também, a princípio, mal percebíamos nossa incapacidade para qualquer gênero de atividade. Isto se tornou em breve muito claro ao nosso espírito. De fato, não sabíamos as coisas mais simples e necessárias, como fazer compras com critério, prestar socorros de urgência, desenguiçar uma fechadura, descontar um

cheque, administrar nossos modestíssimos negócios, comer racionalmente, estabelecer um programa de ação.

Circunstâncias adversas impediram-nos o ingresso imediato na escola superior, obrigando-nos a passar um ano numa propriedade rural. E este ano, que considerávamos perdido, foi extraordinariamente rico de experiências, abrindo aos nossos olhos perspectivas até então não imaginadas. Verificamos que, realmente, nada sabíamos da vida. Diante daquelas pessoas que plantavam, criavam porcos, cuidavam das galinhas, enxertavam laranjeiras, produziam riquezas, compravam e vendiam, previam lucros, mandavam, dirigiam, trabalhavam, éramos a personificação da inutilidade, apesar de sermos, ali, os únicos capazes de demonstrar com precisão o princípio de Arquimedes.

O seguinte fato mostra claramente como estávamos situados fora da realidade. Associamo-nos certa vez a um amigo com o fim de arrendar determinado trato de terra para fazer uma cultura de algodão. Tocaria a cada um entrar com três mil cruzeiros. De nossa parte, não dispúnhamos dessa importância, mas contávamos como certo conseguí-la por empréstimo no Banco, quando chegasse a data marcada para o pagamento. Deixáramos de prever, entretanto, a hipótese de não ser obtido o capital, o que viemos a saber à última hora, porque só à última hora tratamos de ir ao Banco, onde não pudemos explicar minuciosamente, por não sabermos, como seria aplicado aquele pretendido dinheiro e qual seria o nosso "avalista". Ficamos sabendo, destarte, que os bancos exigem garantias para o dinheiro que emprestam...

No começo da vida profissional tivemos alguns dissabores, que depois pudemos relacionar com a falta de conhecimentos de Administração. O domínio destes conhecimentos dá aos nossos atos e resoluções uma segurança que nos leva à autoconfiança, condição necessária ao bom desempenho de qualquer função. Entretanto, a escola superior, onde tais estudos devem ser mais desenvolvidos, deles não cogita, sequer ligeiramente. O veterinário e o agrônomo, quer nos cargos públicos, quer na atividade particular, devem ori-

entar o fazendeiro, organizar serviços, dirigir culturas e criações, exercer contróle sobre toda a vida produtiva de propriedades rurais, precisam saber mandar, manejar com trabalhadores, *administrar*. A eles se aplica, portanto, tudo o que Fayol já disse com referência aos engenheiros.

Devemos considerar, ainda, que no mundo moderno cada vez mais se restringe o campo para as realizações individuais. Trabalhando em grupo, recebemos influências estranhas que muitas vezes modificam nossas idéias e nosso comportamento, e, por outro lado, exercemos influência idêntica sobre os demais. Como atingir um fim comum sem uma diretriz pretraçada, sem articular opiniões, sem organizar planos, sem controlar o seu desenvolvimento por meio de uma direção única?

Chegamos, assim, às seguintes conclusões:

- 1 — A capacidade administrativa é necessária, em maior ou menor grau, em todos os ramos da atividade humana. Não deve, por isso, ser adquirida ao acaso, mas formada na escola.
- 2 — A educação exerce papel preponderante na formação de uma mentalidade equilibrada. Para aumentar sua influência neste sentido, o ensino da Administração deve ser parte obrigatória do currículo escolar — pelo menos nos cursos secundário e superior — por constituir a cristalização de tudo que é sentido prático das coisas, indispensável à boa condução dos negócios domésticos, das empresas, dos serviços públicos.
- 3 — A posição do Brasil como país agrícola e grande criador de gados recomenda a máxima atenção no preparo de agrônomos e veterinários, que devem ter sua formação técnica completada pelo estudo da Administração, durante seis meses de curso, sabido como é que a maioria desses profissionais se destina, mais cedo ou mais tarde, a cargos de mando ou de chefia, que sempre exigem essa espécie de conhecimentos especializados.